

O problema da enfermidade no novo mundo: uma análise crítica do “imperialismo ecológico” de A. Crosby



André Vasques Vital

Mestre em História das Ciências e da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz

Resumo:

O presente artigo busca analisar o conceito de imperialismo ecológico, do modo como foi cunhado pelo historiador Alfred Crosby, e sua aplicação ao estudo da mortalidade de nativos e europeus no Novo Mundo à luz das novas produções em história ambiental e história das doenças. Com isso buscamos ultrapassar o campo das definições, empreendendo uma análise crítica que leva em consideração os limites reconhecidos atualmente sobre o uso deste conceito tal como criado, propondo assim uma atualização em vista dos recentes estudos sobre a relação entre germes, europeus e nativos do novo mundo.

Palavras-chave:

América – história – século XVI
Doenças e história – América
Crosby, Alfred W., 1931-

Expansão imperial e enfermidades no novo mundo

O historiador ambiental norte-americano Alfred W. Crosby nasceu em Boston em 1931, graduou-se em Harvard em 1952 e doutorou-se em História pela Universidade de Boston em 1961. Desde 1999 é professor emérito de Geografia, História e Estudos Americanos da Universidade do Texas. Crosby é, sem dúvida, um dos grandes nomes em estudos sobre história ambiental, um dos primeiros a levar em conta o papel das doenças para a expansão europeia no novo mundo. Em uma de suas principais obras, *Ecological imperialism: the biological expansion of Europe, 900-1900* (1986), que foi traduzida em diversos países, inclusive no Brasil, encontra-se o estudo sobre o intercâmbio de animais, plantas, homens e germes entre o novo e o velho mundo.¹ O presente estudo visa analisar criticamente a doença como problema histórico, conforme apontado por Crosby, e seu argumento fundado no conceito de imperialismo ecológico que, segundo ele, apresentou-se de modo unilateral e unidirecional desde o primeiro contato dos nativos americanos com os colonizadores.

Antes de falar da doença, precisamos analisar o que pensa o historiador sobre seus agentes causadores. Para Crosby, os germes são “entidades dotadas de tamanho, peso e massa” que, para se deslocar de um lugar a outro, necessitam do transporte adequado — neste caso, o organismo humano em trânsito. O germe no interior de seu hospedeiro pode fazer o organismo reagir de modo a provocar diversos sintomas que estão, muitas vezes, em conformidade com a lógica disseminadora da entidade no ambiente. Esses agentes, no interior de novos corpos e em localidades onde nunca foram antes manifestados, não possuem nenhum tipo de imunidade ante o germe. Por consequência, podem aumentar consideravelmente sua taxa de reprodução, superando a velocidade habitual com que se propaga no ambiente. Essa seria, para Crosby, a diferença entre o germe em contato com populações já ambientadas em relação à doença, imunizadas contra ela, e regiões de “solo virgem”, ou seja, onde não há histórico de pessoas infectadas por uma determinada enfermidade.

1 A tradução da edição brasileira ficou a cargo de José Augusto Ribeiro e Carlos Afonso Malferrari. Alfred W. Crosby, *O imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa (900-1900)*, São Paulo, Cia das Letras, 1993.

Seguindo por esse argumento de caráter biológico, o historiador norte-americano afirma que a Europa, ao tempo da chegada de Colombo às Américas, possuía um arsenal de germes capaz de subjugar populações inteiras, devido à disparidade biológica entre os dois lados. Os europeus trouxeram consigo não somente armas, mas algo muito mais letal: os germes do velho mundo, que eram responsáveis por diversas doenças como malária, gripe, varíola, rubéola, dentre outras, que foram determinantes para a devastação demográfica do novo mundo. O argumento de Crosby repousa principalmente nas evidências sobre as epidemias que afetam populações isoladas quando esse isolamento é rompido. O autor cita como exemplos as epidemias que afetaram diversos povos que viviam em isolamento e que posteriormente entraram em contato com populações imunizadas contra certas doenças, como as epidemias de sarampo que vitimaram os esquimós da América do Norte, em 1952; os índios no Parque Nacional do Xingu, em 1954; e entre os ianomâmis, em 1968 — todos exemplos com taxas de mortalidade variando entre 7 e 26,8%.²

A varíola teria sido a primeira e uma das mais importantes pandemias a atingir o novo mundo. Doença que afetava principalmente crianças na Europa, desempenhou na América importante papel na dizimação de diversas sociedades imediatamente antes e durante o contato com o homem europeu. Da América Central, por meio de levadas migratórias, dado o horror da doença ou as trocas comerciais já existentes, nativos com a varíola em período de incubação (que varia de 10 a 14 dias) teriam como levar a doença para lugares distantes, onde continuava o ciclo de propagação. A varíola teria chegado ao império inca bem antes de Francisco Pizarro, desorganizando até a estrutura política do império com o adoecimento e morte do inca e do sucessor por ele indicado. Segundo o historiador,

A doença exterminou uma grande parcela dos astecas e abriu caminho para os forasteiros até o centro de Tenochtitlán e à fundação da Nova Espanha. Adiantando-se aos conquistadores, logo apareceu no Peru, matando uma grande proporção dos súditos do inca, o próprio inca e o sucessor que ele havia escolhido. Guerra civil e caos seguiram-se. E então Francisco Pizarro chegou. Os triunfos miraculosos desse conquistador, e os de Cortés, a quem ele soube imitar tão bem, foram em grande parte triunfos do vírus da varíola.³

2 Crosby, *O imperialismo ecológico*, p. 176.

3 Crosby, *O imperialismo ecológico*, p. 179.

Como a maior parte dos conquistadores já teria tido contato com a varíola na infância, já estavam imunizados. Assim, os únicos a perderem com a enfermidade foram os nativos, que a desconheciam por completo. Isso também ocorreu no tocante a outras doenças, como sarampo e coqueluche. Isso pode explicar o desequilíbrio de forças biológicas e o sucesso do expansionismo europeu no novo mundo. O trecho a seguir, que fala sobre a morte prematura de ameríndios levados para a Europa, ilustra bem essa ideia que engloba uma explicação biológica:

Ao ser desafiado por invasores inauditos, um sistema imunológico robusto e saudável pode, nos melhores anos da vida, reagir excessivamente e estancar as funções normais do corpo com inflamações e edemas. Os candidatos mais prováveis para o papel de exterminador dos primeiros ameríndios na Europa são os mesmos que mataram tantos outros arauaques nas décadas imediatamente subsequentes: os patógenos do velho mundo.⁴

Entretanto, Crosby indica em seu trabalho que a maior vitória do homem europeu se deu nas áreas em que ele denomina como “Neo Europas”. Estas regiões seriam locais onde o clima e outros elementos ambientais eram semelhantes ao que existia na Europa, o que proporcionava maior facilidade para o domínio e uma revolução em termos ecológicos locais, como a importação e a criação de animais e o estabelecimento de plantações como as do velho mundo. Essas localidades seriam a Argentina, o sul do Chile e do Brasil e a América do Norte, onde a importação de doenças também era potencializada, oferecendo as condições ideais para o domínio mais amplo a partir da mortandade da população nativa.

Portanto, o problema histórico da enfermidade no novo mundo foi principalmente a importação de doenças do homem europeu, que foi determinante para o extermínio dos nativos. Esse processo teria se dado de modo unilateral e unidirecional, já que nenhuma doença teria causado tamanha mortandade ou chegado perto de promover o vazio demográfico que ocorreu na América. Crosby cita os problemas causados por doenças como a sífilis e bicho do pé — esta última não somente causando incômodos aos colonizadores, mas sendo levada para a África e provocando infecções mais graves relacionadas ao tétano. No entanto, para o autor, tais doenças importadas do novo mundo não teriam provocado efeitos tão desastrosos

4 Crosby, *O imperialismo ecológico*, p. 178.

quanto as doenças do velho mundo na América. O imperialismo europeu teria sido, sobretudo, um imperialismo ecológico, tendo como um dos seus pontos principais a exportação dos patógenos que acometiam os europeus, favorecendo aqui a formação de uma nova população que poderia ser chamada de neoeuropeia, também devido às características imunológicas e biológicas adquiridas das populações do velho mundo.

Entretanto, pode ser problemático, por diversos motivos, analisar o processo de troca biológica entre a Europa e o novo mundo como dotado de movimento unidirecional e unilateral. É claro que o impacto que as doenças da Europa tiveram no novo mundo foi devastador, mas não podemos deixar de lado a complexidade das relações entre o homem e o ambiente. Para Crosby, a exportação das doenças da Europa para o novo mundo se deu de modo involuntário ou “acidental”, e não foi apropriada pelos conquistadores de modo consciente. Além disso, as doenças teriam sido a ponta de lança da expansão imperialista, que provocou a queda demográfica e a vitória dos europeus sobre os povos americanos, sendo uma conquista muito mais inconsciente do que consciente.

Tendo em vista esses aspectos, o historiador minimiza também os problemas que a exportação das doenças do velho para o novo mundo causou para o homem europeu e o estabelecimento do que ele chama de Neoeuropas. Acaba por minimizar também elementos significativos acerca das consequências da expansão europeia em termos biológicos para a Europa, ou seja, a importação de doenças americanas. A sífilis, apesar de toda a controvérsia acerca de sua origem, é uma doença que, se não causou o vazio demográfico como as doenças europeias na América, foi constatada na Europa em 1495 com características devastadoras, o que é reconhecido pelo autor.⁵ Pelo menos até 1546 os contaminados viviam poucos meses, e as pústulas recobriam quase todo o corpo, deteriorando o rosto das pessoas.⁶ A doença só veio a adquirir características mais brandas posteriormente. No entanto, a sífilis é posta de lado devido a sua menor importância em termos de taxa de mortalidade. Além disso, o argumento de que os nativos eram indefesos biologicamente ante as doenças europeias trouxe críticas que atualmente se fazem ao conceito de imperialismo ecológico tal como foi cunhado.

5 Crosby, “The early history of syphilis: a reappraisal”, *American Anthropologist*, 71, 2 (1969), p. 218-227.

6 Jared Diamond, *Armas, germes e aço*, São Paulo e Rio de Janeiro, Record, 2001, p. 210.

Os limites do conceito de "imperialismo ecológico"

As ideias de Crosby no tocante ao sucesso do homem europeu no estabelecimento de Neoeuropas na América e ao esvaziamento demográfico pela expansão das doenças europeias no novo mundo, dentre outras questões, são fortemente criticadas pelo historiador ambiental David Arnold. Para Arnold, a visão expressa por Crosby é "biocêntrica", não levando em consideração os atos conscientes dos conquistadores europeus para a alta mortalidade de nativos americanos. Não é apenas a enfermidade que pode ser apontada como causa da despovoação na América, como um acidente biológico causado pelo contato de duas populações com resistências imunológicas distintas, mas também a própria política econômica europeia, a superioridade tecnológica e o desprezo do homem europeu pelo outro, pelo sujeito que difere dele. Como aponta Arnold,

La despoblación de América no fue, consecuentemente, tan solo un accidente ecológico, la consecuencia no deliberada de una epidemia y una "invasión microbiana" em "suelo virgen". Fue también resultado del desprecio racial de los europeos, de políticas económicas brutales y de su avidez de tierra y riquezas.⁷

Com Arnold podemos notar a crítica à ideia de imperialismo ecológico e das enfermidades como principal ou única razão para o despovoamento. O autor aponta para a destruição dos modos de vida e da economia dos povos nativos, os massacres, os trabalhos forçados, a derrubada da estrutura social, que favoreceram o clima de perplexidade entre estas populações. Somado a isso, como os povos nativos não tinham conhecimento sobre as doenças importadas dos europeus, não haveria modos de tratamento e muito menos compreensão do que era a enfermidade, que muitas vezes era reconhecida como castigo divino intrínseco a todo o conjunto de fatores que se davam no período da conquista. O determinismo ecológico de Crosby é criticado por responsabilizar os aspectos biológicos mais do que o fazer humano consciente, além de projetar uma sombra de inevitabilidade biológica da superioridade europeia perante os nativos americanos, em uma análise de fundo darwinista. Ao apontar os povos nativos como indefesos biologicamente, pela sua menor capacidade imunológica, Crosby acaba corroborando o argumento do fracasso desses

7 David Arnold. *La naturaleza como problema histórico: el medio, la cultura, y la expansión de Europa*, México, Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 83.

povos, graças à superioridade biológica ou racial do homem europeu.⁸ Com relação ao conceito de imperialismo ecológico, Arnold sentencia:

El imperialismo ecológico parece ser, en última instancia, una interpretación eurocéntrica, extrañamente unidimensional, de los procesos del expansionismo europeo, leyenda que pone en guardia contra los peligros de adjudicarle a la biología lo que pertenece más propiamente al dominio de los actos humanos.⁹

Concordamos que o conceito de imperialismo ecológico, tal como foi cunhado, acaba por deixar uma série de problemas e lacunas. Além dessas que analisamos anteriormente à luz das críticas de David Arnold, devemos também considerar as dificuldades que os europeus tiveram em estabelecer o domínio sobre a América e outras regiões do mundo.

A vantagem biológica dos europeus não pode ser superestimada. Além do mais, outras coisas estão em jogo, como, por exemplo, as levas migratórias e as trocas comerciais, que levam germes de um lado a outro do mundo. Os europeus trouxeram para América doenças que eram mortíferas para eles mesmos, doenças estas provenientes da África e da Ásia. É o caso da malária provocada pelo *Plasmodium falciparum*,¹⁰ que é até hoje a mais mortífera. Ao longo dos séculos XVI a XVIII, os europeus não adentraram o interior da África, mas de lá vinham os escravos negociados na costa. Estes trouxeram para a América um tipo de malária jamais vista no norte da África e no sul da Europa, e igualmente europeus e nativos sofreram com suas incursões.¹¹ Exemplos clássicos da dificuldade dos colonizadores diante dessa doença, já na virada do século XIX para o XX, foram as fracassadas tentativas primárias de construção do canal do Panamá e a construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré. Outro caso ilustrativo é o da febre amarela, outra doença trazida da África para a América que encontrou aqui um importante vetor, o mosquito *Aedes aegypti*. Surgiu como uma das grandes barreiras para a vida do homem europeu nas colônias americanas, e seus sintomas começaram a ser descritos como febre amarela em meados do século XVII. Barbados, no Caribe, foi devastado, em 1647, por um surto de febre amarela

8 Arnold, *La naturaleza como problema histórico*, p. 87.

9 Arnold, *La naturaleza como problema histórico*, p. 88.

10 Agente responsável pela malária falciparum, a mais grave das variantes.

11 David Arnold, "Introduction: disease, Medicine and Empire", in: David Arnold (Org.), *Imperial Medicine and indigenous societies*, Manchester and New York, Manchester University Press, 1988, p. 91.

que ocasionou a morte de 6 mil pessoas de origem europeia. Só em 1759 um médico e naturalista inglês observaria a resistência dos escravos africanos em contrair a doença. Mais da metade dos 80 mil britânicos que morreram entre os anos de 1793 e 1796, no Caribe, foi acometida de febre amarela.¹² Em uma ofensiva da França, na ilha de São Domingos, em 1802, para recuperar o poder na ilha, 40 mil soldados morreram vitimados pela febre amarela.¹³ Em 1821, esta doença chegava ao estreito de Gibraltar, provocando pânico nas autoridades espanholas e francesas.¹⁴ Portanto, é difícil sustentar o argumento acerca da superioridade biológica europeia, visto que, em diversos momentos entre os séculos XVI e XIX, as próprias atividades econômicas europeias contribuíram para a disseminação de germes desconhecidos do homem europeu, o que contribuiu para a morte de milhares deles, ou seja, nem sempre as doenças estiveram ao lado dos colonizadores.

E o que poderia ocorrer nesses casos? Não concordamos com a visão de Crosby sobre a escolha de determinados locais, onde o clima e o ambiente favoreceriam o estabelecimento do “homem branco”, em detrimento de outros, onde as doenças representavam um problema. Ao contrário: o europeu continuou a lutar contra as doenças que desconhecia, buscando estabelecer formas de combate e proteção aos colonos e às suas forças militares, quando possível. São poucos os casos de recuo na América, mesmo com o aumento de casos de doenças infecciosas. Como exemplo, podemos citar a presença espanhola na região amazônica no século XVI. Estudo recente indica que os incas evitaram adentrar a região amazônica graças à “doença dos narizes”, a leishmaniose, que tem origem pré-colombiana. Com o domínio espanhol e a esperança de encontrar riquezas na floresta, o avanço foi inevitável, assim como o aumento dos casos de leishmaniose.¹⁵ Não deixaram, de obter lucro, mesmo a duras penas. Daí se pode vislumbrar o surgimento da medicina em moldes ocidentais nos trópicos.

12 Kenneth F. Kiple e Kriemhild C. Ornelas, “Race, war and Tropical Medicine in the Eighteenth-Century Caribbean”, in: David Arnold (Org.), *Warm climates and Western Medicine: the emergence of Tropical Medicine, 1500-1900*. Amsterdã e Atlanta, Rodopi, 1996, p. 66-70.

13 Arnold, *La natureza como problema histórico*, p. 91.

14 Dorothy Porter, *Health, civilization and the State: a history of public health from Ancient to Modern times*, London and New York, Routledge, 1999, p. 83.

15 Alfredo J. Altamirano-Enciso et al., “Sobre a origem e dispersão das leishmanioses cutânea e mucosa com base em fontes históricas pré e pós-colombianas”, *História Ciência e Saúde - Manguinhos*, 10, 3 (2003), p. 853-882.

As viagens de Alexandre Rodrigues Ferreira às províncias de Rio Negro e Mato Grosso em fins do século XVIII são um exemplo de ação governamental para o reconhecimento das doenças locais e dos tratamentos possíveis.¹⁶ Nessa viagem foram coletadas informações sobre as enfermidades, os modos de tratamento utilizados na colônia, além de ter sido efetivado todo um inventário sobre os conhecimentos locais e sobre as condições de desenvolvimento nas regiões percorridas. Já no caso da costa ocidental africana, que recebeu o apelido de “sepultura do homem branco”, os europeus continuaram mantendo relações econômicas e compra de escravos utilizando mediadores locais, com a finalidade de minimizar a presença do europeu nessas áreas, vistas como perigosas.¹⁷

Portanto, pensamos que, embora válidos, o conceito de imperialismo ecológico e o problema da enfermidade no novo mundo precisam ser pensados de outro modo, evidenciando não só a questão das trocas biológicas, mas também o fazer humano e as trocas culturais entre colonizadores e colonizados. Pensar a enfermidade no novo mundo também pode ser muito mais válido se o fizermos em termos de trocas mais amplas, quando, por exemplo, consideram-se também as relações estabelecidas entre as diversas populações em várias partes do globo terrestre. Assim podemos analisar mais adequadamente o porquê do impacto das doenças europeias no novo mundo, e como os europeus também foram influenciados pelos aspectos biológicos dos nativos existentes nas áreas colonizadas.

Repensando a enfermidade no novo mundo

Consideramos que é possível repensar a ideia de enfermidade no novo mundo a partir de uma reformulação ou atualização do conceito de imperialismo ecológico. Já vimos, nas páginas anteriores, que é pouco sustentável um argumento que leva em consideração a unilateralidade da propagação de germes causadores de doenças e a ideia de que as doenças sempre estiveram ao lado do homem europeu. Se em um primeiro momento isso parece evidente, sob uma análise mais profunda torna-se ainda mais complicado enquanto categoria de análise, já que diversas doenças

16 Ângela Porto, *Enfermidades endêmicas na Capitania de Mato Grosso: a memória de Alexandre Rodrigues Ferreira*, Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008.

17 Arnold, “Introduction”, p. 4.

infeciosas trouxeram problemas para o europeu estabelecido no novo mundo, e até mesmo problemas para a Europa. Como exemplo das consequências do imperialismo de um modo geral na troca e intercâmbio de doenças, podemos citar a cólera, que levou o pânico à Europa no início do século XIX e determinou mudanças no que concerne à saúde pública naquele continente.

Se pensarmos que a expansão imperial tem por consequência trocas culturais e de percepção acerca de agentes causadores de doenças e males que atormentam tanto nativos quanto europeus, ou seja, pensando a doença também como uma construção sociocultural, é possível obter resultados mais expressivos em termos analíticos, o que pode ser formulado nos seguintes termos: como ambos os lados vislumbravam o problema das doenças trazidas pelos europeus, fossem elas da Europa ou de outras partes do mundo? De que maneira as doenças do novo mundo atrapalhavam os planos de dominação imperial, e até que ponto requeriam outras estratégias de domínio? Como a enfermidade pode ser pensada em diálogo com as demais condições dadas em determinado contexto? Enfim, essas e outras questões ficam em aberto se utilizarmos o conceito de imperialismo ecológico como conceito-chave para uma análise muito mais biológica do que histórica. Isso se torna ainda mais grave se pensarmos a ciência ou as categorias biológicas como construção científica e humana, determinada por contextos e condições sociais específicas, como indica Knorr-Cetina.¹⁸

O que propomos nessa conclusão é mudar o foco e a categoria que predominam na análise crosbyana, atentando para as relações em sentido micro e para as percepções acerca da doença e das trocas que se estabeleceram nos dois lados do Atlântico. Deve-se retirar a ênfase da unilateralidade e principalmente do lado “vencedor” do “conflito biológico”. Muito mais válido do que estabelecer tais critérios é analisar como se processam a troca e a interação entre germes, colonizados e colonizadores, e o que resulta disso nos diversos contextos.

recebido em 06/11/2009 • aprovado em 26/01/2011

18 A forma de análise implementada pelas teses construtivistas dos antropólogos da ciência foca suas reflexões nas condições sociais e institucionais do saber e investiga o processo de trabalho dos cientistas e formação de opinião, se possível por meio do método direto de observação. Karin D. Knorr-Cetina, “Culture in global knowledge societies: knowledge cultures and epistemic cultures”, *Interdisciplinary Science Reviews*, 32, 4 (2007), p. 362-363.